

Por um PDU visual

FABIANO DIAS

Na profissão do arquiteto-urbanista existe algo que chamamos de "programa", do qual podemos dizer de forma simplificada que seja a organização espacial de cada projeto baseada na quantidade de cada ambiente/cômodo que se deseje, na inter-relação entre cada um e até chegando a questões estéticas. Essas demandas espaciais surgem a partir das necessidades primeiras de cada cliente, alinhadas pelo arquiteto e traduzidas em um projeto arquitetônico ou urbano (quando da escala da cidade).

Pois bem, partindo deste pressuposto onde o projeto surge a partir das necessidades do cliente, entendemos que, na maioria dos casos, os Planos Diretores Urbanos fazem um caminho inverso na medida em que chegam às mãos da população praticamente prontos, em uma linguagem técnica de difícil entendimento e onde a carga visual é deixada de lado por números, taxas e índices.

Defendemos aqui, então, como em oportunidades anteriores, a possibilidade de se introduzir na discussão da cidade os Projetos de Desenho Urbano, que no lugar, ou mesmo completando os Planos Diretores Urbanos, possam efetivamente dar margem a uma expressiva participação popular quanto à forma do crescimento da cidade. Ao se desenhar a cidade, ao invés de somente planejá-la podemos substituir a virtualidade dos números por expressões gráficas do desenho e de simulações; vi-

sualizar assim, de forma mais concreta, a cidade que queremos. Desta forma, podemos antecipar e ordenar crescimentos em áreas de futuras valorizações comerciais e evitar, assim, corridas contra o crescimento urbano acelerado através de diminuições dos índices de construções.

Também podemos, através da força visual do desenho, criar propostas de novos desenhos dos arruamentos, com novas vias e alargamentos de outras, como uma das formas de se buscar soluções para o trânsito caótico do dia-a-dia, e não simplesmente buscarmos aumentar a exigência de vagas de carros em cada empreendimento. Este em especial é um problema que não só se resolve na escala do desenho, mas através de campanhas educacionais, uma melhoria e maior oferta de transportes públicos e o uso de meios alternativos, como o marítimo e o férreo, e - por que não? - o incentivo ao uso da bicicleta.

Mesmo que ainda os PDUs sejam jovens instrumentos de controle e ordenamento do espaço urbano, entendemos que se deva avançar sobre eles de forma que a população e sua cidade, como os grandes clientes em questão, possam ter a possibilidade de construir de forma mais efetiva sua cidade, buscando soluções técnico-funcionais e estéticas através da expressão do desenho.

Fabiano Dias é arquiteto-urbanista

Artigo publicado no jornal A Gazeta, seção Opinião, pag. 03, no dia 25/07/2005.

OBS.: O título original deste artigo é "PDU em questão", e foi alterado pelo editor da seção Opinião do jornal A Gazeta sem comunicação prévia.